



GLOBALIZAÇÃO: CUIDADO COM O QUE DESEJA

DOI: 10.19177/rgsa.v9e0I20201-8



Benny Dembitzer¹



A globalização fez muito bem a muita gente. Mudou o nosso mundo e abriu novos horizontes, modificou as dimensões nas quais vemos o mundo. Estamos agora ligados a todo o mundo, pois superamos o confinamentos dos nossos pequenos mundos. Mas isso significa que vivemos em um mar de rosas?

Foram levantados assuntos sérios que devem ser cuidadosamente observados. É necessário revisitar os temas relacionados à globalização, porque esta começa a assemelhar-se a uma caixa de Pandora: cresceu fora de controle e começa mesmo a desafiar alguns fundamentos das nossas vidas. É importante questionar vários aspectos e analisar como podemos mitigar as forças negativas que surgiram no âmbito dessa mudança fundamental operada em nossas vidas e em nossas sociedades.

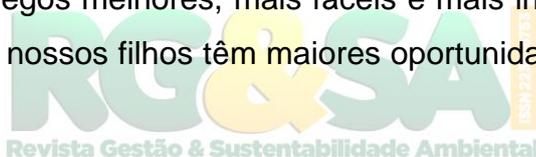
A PRIMEIRA FASE – BENIGNA

¹ Palestra proferida por Benny Dembitzer na abertura do Simpósio Mundial de Sustentabilidade BRIDGE em setembro de 2019, na cidade de Palhoça/SC.

A globalização entrou muito lentamente nas nossas vidas nos anos 1980 e 1990. A liberalização das barreiras comerciais, a melhoria das comunicações, o transporte em contêineres e a mobilidade mais fácil através do mundo permitiram que os bens fluíssem com crescente liberdade entre as diversas regiões do nosso planeta.

Criaram-se empregos na China, onde provavelmente 400 milhões de pessoas foram retirados de um estado de pobreza absoluta. Essas pessoas se beneficiaram diretamente do movimento de indústrias do ocidente para o oriente. O sul da Ásia está elevando sua participação no PIB mundial: assim como ocorrera em muitas partes da Ásia, a pobreza também foi drasticamente reduzida no Vietnã, em Bangladesh e na Tailândia.

Por todo o mundo, a maioria de nós agora freezers, geladeiras, máquina de lavar, televisões, ventoinhas elétricas e os horríveis e onipresentes pequenos telefones celulares que mudaram o nosso cotidiano. Muitas milhões de pessoas puderam adquirir um carro. Na sequência das melhores condições de trabalho e de educação, conseguimos ter empregos melhores, mais fáceis e mais interessantes. Os padrões de vida se elevaram e nossos filhos têm maiores oportunidades de receber uma boa educação.



UMA NOVA FASE – OS LIMITES DO CRESCIMENTO?

Mas nós entramos em uma nova fase, que nos pegou totalmente de surpresa. Temos de nos colocar uma séria pergunta fundamental: será que alcançamos os limites do crescimento? Olhem ao seu redor: estamos batendo na parede, e o trem da globalização não foi capaz de parar no tempo. Estamos agora sofrendo as consequências: não apenas nós, nesta sala e nesta conferência; mas em particular outras pessoas, menos privilegiadas e instruídas que estão às margens do progresso econômico. Essas pessoas foram atingidas de modo drástico. E o planeta agora paga o preço da expansão mundial descontrolada das economias.

MUDANÇA CLIMÁTICA

Olhem ao seu redor, olhem para o mundo: a Amazônia está ardendo descontroladamente; milhares de incêndios se propagam pelo Ártico; a maior parte da Groenlândia está desprovida de neve; o gelo que cobre os polos da Terra está se derretendo. Cada vez mais tempestadas assolam o Caribe e a costa leste dos Estados

Unidos, e cada vez elas são mais fortes. O planeta está nos dizendo que atingimos os limites da exploração.

MUNDO EM MOVIMENTO

Mas olhem também para outros limites que nossas sociedades atingiram: por que há tanta migração através do mundo? Pessoas se deslocam do subcontinente indiano para o Oriente Médio, da África Subsaariana para a Europa, da América Latina para a América do Norte. Nós alcançamos os limites do que os mais pobres do mundo podem suportar.

O COLAPSO DA GOVERNANÇA

Os sistemas de governança não são capazes de se adaptar. As pessoas querem governos que sejam melhores, mais atentos e mais preocupados; querem votar em eleições livres. Aonde não lhes é permitido votar nas urnas, votarão com os pés: abandonam suas terras e convertem-se em peões de jogos governamentais. Chegamos ao limite de nossa capacidade de governar as sociedades. Isso é tão verdade nos Estados Unidos como no Reino Unido; vale tanto para Índia como para Turquia, para a Alemanha, para a Venezuela, para a Guatemala. As pessoas não podem viver dentro do sistema estabelecido pela sua elite governante. A falta de confiança nos governos é dramática: as forças policiais, por toda a parte, tornaram-se forças de repressão.

A MOBILIDADE DO CAPITAL GLOBAL

Observem o capital global: conquistou tal mobilidade que entra em todos os aspectos das nossas vidas. No início desse jogo global, o capital era uma ferramenta, não um ator. Progressivamente, saiu do controle e agora nos controla. Ao redor do mundo, houve quem lucrasse à custa dos mais pobres e mais fracos da sociedade. O capital está, agora, fora do controle: surgiram enormes empresas, muitas delas com capitalização superior à da maior parte dos países do globo. Para onde vão os lucros? Não são para melhorar nossas vidas através de impostos: acabam em paraísos fiscais, longe do alcance dos governos: nas Bahamas, Ilhas Virgens Britânicas e no Panamá.

A VIA NEOLIBERAL

O capital entrou nas mais básicas relações pessoais. O sistema econômico neoliberal atual torna todas as relações mensuráveis em termos daquilo que as pessoas valem: não em termos humanos, mas em valor monetário. Quem é apto a contribuir para a prosperidade é bem-vindo. Quem não está – pela idade, por uma doença, por uma deficiência ou por não falar a linguagem majoritária – fica de fora. Estamos consentido que o valor monetário domine nossa sociedade e deixando de lado o aspecto humano das nossas obrigações diárias.

CRESCIMENTO E FOME

Aparentemente, chegamos também ao limite do que podemos produzir para alimentar o mundo. O último relatório das Nações Unidas relativo à fome diz que a porcentagem de pessoas com fome no mundo está diminuindo. Mas o número de pessoas com fome é o mais alto dos últimos dez anos: a fome está aumentando em todo lado.

Número de pessoas com fome no mundo em 2016:

- na Ásia: 515 milhões, ou 7% da população;
- na África: 256 milhões, ou 22.7% da população;
- na América Latina e Caribe: 39 milhões, ou 6.4% da população.

Adianta dizer a alguém morrendo de fome que essa pessoa se encontra em minoria estatística e que há menos pessoas morrendo de fome no mundo?

Devemos ainda nos lembrar que 2 bilhões de pessoas virão ao mundo nos próximos trinta anos. Durante esse período, a maioria dos participantes desta Conferência terá entrado na maturidade, mas o número de pessoas que sentirão fome permanentemente irá aumentar – e a capacidade do mundo de alimentar essas pessoas não vai aumentar: a terra arável está em decréscimo.

Aqueles 2 bilhões precisarão de aproximadamente mais um milhão de quilômetros quadrados de terra arável para se alimentarem, mas essa terra está desaparecendo por causa das mudanças climáticas: na Argentina e no Brasil, é maior a quantidade de comida produzida para alimentar animais do que a comida produzida para alimentar seres humanos. Grande parte do milho e da soja produzidos nessa parte do mundo não alimenta seus próprios povos, mas são destinados a satisfazer as necessidades de populações com melhores condições, na China, Indonésia, Turquia

e Oriente Médio. Estamos condenando à morte cada vez mais pessoas famintas, por ação política impensada que se torna cada vez mais desumana.

Muitas pessoas se dispõem a culpar o sul por não fazer o suficiente para proteger as florestas: criticamos os presidentes do México, do Brasil, do Congo e da Indonésia por abaterem florestas, mas pedimos a esses países que produzam mais comida para alimentar o mundo: de novo, uma hipocisia monumental.

Atingimos o limite e não percebemos.

A REVOLUÇÃO INCOMPLETA

O principal desafio global, em minha opinião, reside no fato de que nossas instituições não têm estado à altura da mudança: a criminalidade global aumentou; há enormes níveis de corrupção, tráfico humano, movimento ilegal de dinheiro e tráfico de animais. No âmbito global, nenhuma instituição se adaptou às necessidades de um mundo globalizado. O sistema das Nações Unidas tornou-se um conjunto de instituições e agências que não refletem a realidade – e que se tornaram reféns de grupos de interesse cada vez menores.

Tentarei dar uma explicação do fenômeno: a estrutura da globalização não está sendo montada por aqueles que reivindicam seus benefícios. É resultado da ação de grupos que moldam a ordem mundial de acordo com seus próprios interesses. Deixem-me dar um exemplo: das vinte maiores empresas de TI do mundo, onze são estadunidenses e nove são chinesas. A revolução das tecnologias de informação ainda não terminou: estamos entrando na quarta revolução industrial e na internet das coisas.

Não devemos permitir que o Fórum Econômico Mundial defina a agenda. São eles que estão destruindo o mundo! Quando Greta Thunberg, a adolescente sueca em campanha contra as mudanças climáticas, foi ao fórum dessa instituição em Davos, ela chegou de barco – mas o aeroporto de Zurique recebeu 1500 jatos privados com participantes do fórum!

DESIGUALDADE CRESCENTE

A onde de capitalismo global a que estamos assistindo é consequência de um modelo cada vez mais limitado de economia, que está provocando carências não dos luxos

(como foi no caso do regime comunista), mas das coisas básicas: água, comida, energia, medicamentos. O consumismo incontrolável está destruindo nossos recursos limitados. Precisamos parar de usar dados econômicos como ferramenta de medição do progresso: esse instrumento se auto-destrói. Um conhecido ambientalista britânico, David Attenborough, disse: “Quem pensa que pode haver um crescimento ilimitado num mundo com recursos limitados deve ser um louco – ou um economista”.

Satisfazer às nossas necessidades, aquilo que queremos e de que gostamos, conduziu a uma forma limitada de capitalismo, apropriado por grupos cada vez menores de pessoas com grande riqueza e poder. A maioria da população – nós, a massa da sociedade – e principalmente vocês, jovens, tal como os membros mais velhos das comunidades, foram marginalizados pela sociedade por pertencerem a minorias ou sofrerem deficiências. Muitos de vocês terão dificuldades em conseguir um emprego decente. O capitalismo descontrolado que permitimos que domine nossas vidas está destruindo empregos para obter lucros.

A escala desse desafio ainda não foi compreendida – os nossos governos são incapazes de lidar com esse desafio e o ignoram. As empresas pequenas preocupam-se apenas com seus próprios lucros. As instituições não se preocupem. Vamos pagar um preço incrível: haverá futuramente escassa segurança nos empregos. Não se equivoquem: vem aí um colapso total. Se acham que há agora um descontentamento grave, daqui a duas décadas será muito, muito pior.

Vocês, os jovens dessa sala, a geração das minhas próprias filhas, pagarão um preço enorme. Nós destruimos o mundo de vocês.

EXTREMISMO RELIGIOSO

A incerteza e o caos global geram medo. Isso não é diferente do nacional-socialismo, um pseudo-socialismo apropriado por um pequeno grupo de pessoas em benefício próprio. Conduz ao ressentimento e ao extremismo. Não queremos este nacionalismo nas nossas sociedades, como também não queremos o comunismo – constituem ambas formas de domínio exercido por grupos não eleitos.

O extremismo religioso está crescendo, tal como o nacionalismo mesquinho. São reações automáticas de medo – não de querer, não de escolha. Nós queremos um socialismo comunitário, um capitalismo comunitário, determinados por nós, não por

monopólios dos ricos e poderosos que se beneficiam em se apropriar daquilo que necessitamos e queremos e transformar isso em lucro.

O DESAFIO: A HUMANIDADE SOBREVIVE AO SÉCULO XXI?

Ainda podemos nos salvar? Para mim, a única possibilidade de escapar à aniquilação total é mudar de direção. Não nos levantemos à procura das estrelas: vamos redescobrir as necessidades de nossas sociedades e introduzir uma escala mais humana no nosso trabalho. É por isso que pessoalmente gosto tanto e me sinto orgulhoso de ter estado envolvido no trabalho realizado aqui pela UNISUL e pelo projeto GREENS, sob a orientação do Professor Baltazar. Eles estão tentando se concentrar naquilo que é necessário a nível local, e a trabalhar com um grupo de pessoas normalmente elitista. Há uma convicção entre acadêmicos que os verdadeiros acadêmicos, os intelectuais autênticos, não abordam assuntos práticos: isso é coisa de trabalhadores manuais. Demasiados acadêmicos são incrivelmente arrogantes!

Vejamos como os desafios globais podem ser enfrentados: precisamos de uma longa série de soluções locais para o mítico desafio global.

O mundo diz ao governo brasileiro para proteger a Amazônia. Sim, é uma parte do globo; mas, então, o todo global precisa aceitar a contradição que pede ao Brasil que suporte: proteger o ambiente e produzir mais comida. Isso, o mundo rico não faz. Áreas gigantescas do mundo poderiam ter sido reflorestadas: tenho conhecimento de que uma área de floresta equivalente a todo o Reino Unido está sendo derrubada todo ano.

Não é só a Amazônia que precisa ser reconstruída: há áreas enormes no sul da Itália, na Irlanda do Norte e na Espanha que poderiam ser reflorestadas, mas o ocidente rico não o faz. Num espírito de cooperação global, estes desafios devem ser enfrentados; numa atmosfera crescente de medo recíproco, só irão piorar.

Por isso, admiro o modo como o GREENS e a UNISUL estão atacando os problemas.

Primeiramente, são excelentes professores da próxima geração, os investigadores de amanhã e de hoje, os influenciadores de amanhã e de hoje. Fui convidado para alguns dos seminários e debates: foi impressionante e inspirador.

Em segundo lugar, seu trabalho é local, específico e prático. Tenho de enfatizar o prático: é algo que podem aplicar aqui no Brasil e em muitas outras partes do mundo. Os modelos que estão desenvolvendo, junto com Cambridge e Exeter, parecem-me ir a fundo dos desafios globais com soluções locais. Há necessidade de mais comida; é imperativo proteger o ambiente; há um desafio em produzir energia suficiente para todas as pessoas e empregos: o nexus entre essas coisas está no centro do trabalho feito pela UNISUL.

Em terceiro lugar, estão criando alianças com pessoas-chaves em outras sociedades através do mundo; não com pensadores abstratos, mas com aqueles que mais se preocupam com o mundo real. Devemos trabalhar para criar alianças a este nível, no meio acadêmico, onde as pessoas podiam ser muito mais eloquentes do que normalmente são. Mas são muito influentes: podem mudar a abordagem de uma perspectiva global (onde é impossível vencer) para uma abordagem local (onde, sim, podemos vencer).

Obrigado por me ouvirem,



Benny Dembitzer¹

¹Benny Dembitzer é um economista britânico, que se especializou na economia dos países em desenvolvimento, particularmente no continente africano. Ele foi membro da equipe que ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1985. Atualmente é Diretor da GrassrootsAfrica.